

Memória viva do protestantismo no Rio de Janeiro:

o acervo da Igreja Evangélica Fluminense

Living memory of Protestantism in Rio de Janeiro: the collection of the Fluminense Evangelical Church

Claudia Corrêa Dantas

Mestre em História Antiga e Medieval. Professora e historiadora. Coordenadora do Centro de Memória Gorgênio Vieira Mattoso na Escola Técnica Estadual República no Rio de Janeiro (2010-2023). Membro da equipe do Centro de Memória Viva / Biblioteca Fernandes Braga desde 2023.

ccdant@hotmail.com

Ilda Marques de Andrade

Médica pneumologista e historiadora. Curadora do Centro de Memória Viva / Biblioteca Fernandes Braga, do qual é membro desde 2005.

Ilda.marques.andrade@gmail.com

RESUMO: O presente artigo estuda o acervo documental da Igreja Evangélica Fluminense, fundada em 1858, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Ele se encontra guardado no Centro de Memória Viva/Biblioteca Fernandes Braga, localizado dentro da Igreja. Os objetivos, ambos inéditos, são: fazer o levantamento de todo o material a ele pertencente, e procurar manter a preservação do acervo dentro das regras arquivísticas, a fim de contribuir para a organização desse patrimônio cultural e preservação do acervo documental ali existente.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo; Memória; Preservação.

ABSTRACT: This article studies the documentary collection of the Igreja Evangélica Fluminense, founded in 1858, in the city center of Rio de Janeiro. This collection is kept in the Centro de Memória Viva/Biblioteca Fernandes Braga, located inside the church. Therefore, its objectives, both unprecedented, are to survey all the material belonging to it and to try to maintain the preservation of the entire collection, in order to contribute to the organization of this cultural heritage and the preservation of the documentary collection there.

KEYWORDS: Collection; Memory; Preservation.

Introdução

O presente artigo, cujo conteúdo é inédito, tem como objetivo apresentar os primeiros resultados do levantamento do acervo do Centro de Memória Viva, da Biblioteca Fernandes Braga, da Igreja Evangélica Fluminense (CMV-BFB/IEF), localizado no 2º andar do Edifício Kalley, na Rua Alexandre Mackenzie, nº 60, e do Museu Esther Marques Monteiro, este, no 1º andar em sala anexa ao templo, e situado na Rua Camerino, 102, ambos os endereços no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Esses imóveis se comunicam internamente formando o complexo educativo e de culto protestante denominado Igreja Evangélica Fluminense.

Essa Igreja foi fundada pelo médico escocês Robert Reid Kalley (1809-1888), de formação presbiteriana e, sua segunda esposa, a inglesa Sarah Poulton Kalley (1825- 1907), em 1858; neste ano, em 11 de julho, ocorreu o primeiro batismo de um brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade, data considerada de fundação da Igreja Evangélica Fluminense (Jardim, 1932, p. 62).

Antes de prosseguir, é preciso inserir corretamente a Igreja dentro do contexto histórico em que ela foi criada, ou seja, é preciso situá-la na história do Brasil e do mundo. Começaremos informando que o mundo vivido pelo médico e reverendo Robert Kalley e sua segunda esposa era o do século XIX. Dentre as mais importantes características desse século, estava a primazia da ciência. O critério científico estava acima de tudo, e o caráter religioso ou metafísico era francamente desqualificado para dar veracidade a qualquer estudo. Como postula Keith Jenkins (2001, p. 87): “No século XIX, acreditava-se amplamente que a ciência constituía o caminho para a verdade, e essa ideia permeava todo o pensamento (...)”.

O século XIX foi uma era de variadas invenções, especialmente no campo da metalurgia, telefonia, transporte e eletricidade (Fragoso *et al*, 2008), dentre outros; essas invenções lançaram importantes bases para o

crescimento tecnológico dos séculos XX e XXI. A Europa passava pela segunda Revolução Industrial, graças aos inventos e aos aprimoramentos nas áreas citadas acima.

As ciências humanas não ficaram à parte das transformações do século XIX. Nesse contexto, podemos citar o exemplo da História no texto do historiador Jacques Le Goff:

A história como disciplina autônoma surgiu no século XIX na França. Tinha a finalidade de criar a genealogia da Nação e o Estado da mudança pautada no discurso enciclopédico, no método científico e nas concepções positivistas, e esses pressupostos orientaram o sentido da história, tanto como ciência como disciplina. O papel principal da história, portanto, seria reconstruir o passado tal como fora, revelando heróis e fatos marcantes. Os estudos na França partem de uma visão europeia transplantada, preocupada com aspectos políticos e ignora as causas que movem os homens: relata o intervir de homens elevados à categoria de heróis, omitindo a participação das maiorias silenciosas, dos fracos e dos vencidos. Daí o início do ensino de história no Brasil, contada a partir dos “grandes homens” (Le Goff, 2013, p. 72).

O Brasil do século XIX, assim como o restante do mundo, passava por transformações expressivas. Algumas delas são citadas aqui:

- 1808: A Corte Portuguesa chegou em terras brasileiras.
- 1822: Declaração da Independência do Brasil.
- 1824: Promulgação da 1ª Constituição do Brasil.
- 1831: Dom Pedro I abdicou do trono.

1835: Início da Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul.

1847: Golpe da Maioridade. Dom Pedro II assumiu o trono brasileiro.

1850: Publicação da Lei Eusébio de Queiroz que proibiu o tráfico de escravos.

1864: Início da Guerra do Paraguai.

1888: A princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que aboliu a escravidão.

1889: Proclamação da República. (Fausto, 2006, p.217-230)

Com o exposto, é possível perceber que as transformações foram bastante expressivas. Com a chegada da Corte em 1808, a nova Constituição, o fim da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889), o Brasil passou por profundas transformações que alteraram profundamente a política, a economia, a sociedade e a cultura no século XIX. A Monarquia terminou com a implantação da República. O movimento liderado por Floriano Peixoto iniciou uma nova forma de governo no Brasil. A economia, agora com o fim da escravidão, abolida em 1888, fortalecia novas formas de trabalho. A sociedade ganhava um novo componente: os negros libertos. Sem qualquer projeto para inserir os antigos escravizados, o Brasil ganhava um grupo social que continuou a viver à margem da sociedade: com poucos empregos e subempregos.

É importante enfatizar que as religiões, a despeito do crescimento e do fortalecimento das ciências naturais, físicas e químicas, permaneceram vivas e atuantes durante o século XIX; o trabalho missionário estava presente e próspero nesse século.

Ainda que não tenha vivido todos os acontecimentos naquele tempo, o casal Kalley se encontrava em um país, onde as transformações eram iminentes; foi, naquele contexto efervescente, que o Reverendo Kalley e sua segunda esposa chegaram ao Brasil em 10 de maio de 1855 a bordo

do veleiro a vapor *Great Western* vindos de Southampton. Para o entendimento da trajetória desse missionário, é necessário recuar no tempo e explicar um pouco da história anterior a 10 de maio de 1855, data de chegada do reverendo Kalley e demais companheiros ao Brasil (Jardim, 1932, p. 64).

Robert Kalley, de família presbiteriana, afastou-se dos conceitos religiosos ao iniciar sua formação médica na Universidade de Glasgow, onde se formou. Kalley tinha um consultório em Killmork, Escócia, e uma noiva, Margateh Crawford, de Paisley, também presbiteriana (Forsyth, 2006, p. 17). No exercício de sua função, em 1835, foi chamado para atender uma senhora muito religiosa (Porto Filho, 1987, p. 19), com doença incurável. O médico Dr. Kalley, impressionado com a resiliência e otimismo da enferma, resolveu retornar aos ensinamentos religiosos e, segundo ele, logo sentiu o chamado missionário. Gostaria de ter ido à China para fazer pregações religiosas, mas sua noiva, Margareth, contraiu tuberculose (Forsyth, 2006, p. 22), e o médico optou por se casar com ela (janeiro de 1838) e se dirigir à Ilha da Madeira, um local conhecido dos escoceses, afamado pela presença de ares favoráveis para os doentes de tuberculose, item importantíssimo para o controle da doença naquela época. O casal, a mãe e a irmã de Margareth Crawford desembarcaram em Funchal (capital da Madeira) em 12 de outubro de 1838 (Jardim, 1932, p. 25), onde o médico e reverendo Kalley empreendeu um excelente trabalho de assistência social e propaganda evangélica, elogiado até pela Câmara Municipal de Funchal. Exercia a medicina gratuitamente, fundou um hospital e teve uma casa de oração para onde afluíam muitos insulares (Porto Filho, 1987, p. 48).

Os primeiros tempos foram tranquilos, mas, posteriormente, tanto a comunidade médica quanto o clero da Igreja Católica Apostólica Romana exerceram intensa perseguição a Robert Kalley e seus seguidores. A situação tornou-se insustentável, quando o médico e pastor teve sua casa e seus pertences queimados. Sendo assim, o casal Kalley e alguns dos seus seguidores madeirenses, em 09 de agosto de 1846, deixaram o território

português. E rumaram para o continente americano (Springfield, Jacksonville, Antilhas, Havaí) (Jardim, 1932, p. 32).

Ainda procurando o melhor local para o tratamento de sua esposa, foram para Beirute, onde ela faleceu em 1851 (Forsyth, 2006, p. 95). Nesse local, conheceu sua segunda esposa, Sarah Poulton Wilson (nome de solteira), inglesa, que, acompanhada do pai, foi levar o irmão para Beirute, também tuberculoso. Como o rapaz estava em situação grave, o médico Kalley acompanhou a família na viagem de volta para Inglaterra, como médico de bordo (Forsyth, 2006, p. 96-97).

Em 14 de dezembro de 1852, Robert Kalley, então com 43 anos, e a Sarah Poulton Wilson, de 27, casaram-se na Igreja Congregacional de Albany Road, em Torquay, Inglaterra (Jardim, 1932, p. 34). Mais uma vez, o missionário tencionou ir para a China, mas, ao saber do pouco conhecimento do Evangelho no Brasil e, por ter conhecimento da língua portuguesa aprendida na Ilha da Madeira, resolveu vir para terras brasileiras (Porto Filho, 1987, p. 124).

Chegaram ao Brasil, ele e a esposa, em 10 de maio de 1855, e daqui escreveram para três madeirenses e suas famílias que estavam refugiadas em Illinois (Francisco da Gama, Francisco de Souza Jardim e Manuel Fernandes e famílias) e um senhor inglês, aluno de Sarah Kalley (William Dreadon Pitt e família) (Jardim, 1932, p. 46-47). Para acomodá-los, alugou uma casa na Rua Boa Vista 45, no Morro da Saúde, próxima ao Arsenal de Marinha. Fruto do Cristianismo renovado, Kalley, em 1858, fundou, no Brasil, a Igreja Evangélica Fluminense, em língua portuguesa e em caráter definitivo. Em outubro do mesmo ano, houve uma assembleia de oficiais da Igreja e, por meio de um documento assinado por todos eles, Robert Kalley passou a ser Pastor da Igreja recém-fundada. Importante, ainda, ressaltar que a Igreja Fluminense se estabeleceu no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, e lá permanece até hoje.

A cidade do Rio de Janeiro passou “na segunda metade do século XIX, por diversos ‘surtos’ de industrialização”(Abreu, 2022, p. 73), mas ainda fazia uso da mão de obra escravizada e era dependente do setor agrícola.

O Centro da cidade abrigava a maior parte das repartições públicas, e, ao mesmo tempo, uma população menos favorecida que não podia morar em outras áreas devido à questão da mobilidade. Essa população pobre ocupava locais onde hoje estão os bairros da Saúde, Santo Cristo e Gamboa. Eram, em sua maioria, pobres e negros libertos, que moravam em habitações coletivas, os chamados cortiços (Chalhoub, 2009, p. 33).

O primeiro endereço da Igreja Evangélica Fluminense foi na Rua Boavista, 45, residência dos portugueses e dos ingleses, ficando ali de 1856 a 1858, no Morro da Saúde (Jardim, 1932, p. 48). Depois, a igreja foi transferida para o segundo endereço, na Rua do Propósito, 64 e 66, lá permanecendo de 1858 a 1864 (Jardim, 1932, p. 78). O terceiro endereço foi na Travessa das Partilhas, 44 (Jardim, 1932, p. 110), de 1864 a 1886.

Em 1876, o casal Kalley retornou a Edimburgo onde, em 1888, Robert Kalley faleceu. Nesse tempo já havia um pastor brasileiro, o Reverendo João Manoel Gonçalves dos Santos, que o substituiu. Em 1886, a igreja foi transferida para a Rua Larga de São Joaquim, nº 185 (Jardim, 1932, p. 159), ficando ali de 1886 até 1914. Esse foi o primeiro endereço próprio e com construção em moldes de uma Igreja, tendo como arquiteto, Antonio Jannuzi. Por fim, o último endereço, na Rua Camerino, 102, que passou a funcionar em 1914 e ali permanece até os dias atuais (Jardim, 1932, p. 161). Embora tenha mudado algumas vezes de endereço, a Igreja Evangélica Fluminense manteve todas as suas localizações no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, e jamais se situou em outro local que não fosse esse.

Completando toda a edificação da Igreja Evangélica Fluminense, que perdura até os dias atuais, resta informar que, em maio de 1920, foram compradas três lojas na Rua do Costa (atual Alexandre Mackenzie) (Jardim,

1932, p. 248), onde foi erguido o chamado Edifício Modelo com quatro andares, (atual Edifício Kalley), e nele passou a funcionar em 1932, a Escola Dominical, a Escola Diária (Jardim, 1932, p. 156), criada para oferecer educação para os filhos de membros da Igreja, e a administração da Igreja, além de possuir um ginásio poliesportivo no terraço. Para além dessas atividades, o Edifício Kalley oferta, desde os seus primórdios de funcionamento, cursos de música e de informática gratuitos, e outros trabalhos sociais para a comunidade.

Nesse prédio, foi inaugurada uma biblioteca, no segundo andar, em 02 de outubro de 1935. Inicialmente, os livros pertencentes à Igreja Evangélica Fluminense foram aqui guardados. Com o tempo, também se tornou um receptáculo de documentos variados, espólios de membros falecidos e pastores, transformando-se em um acervo valioso de objetos, documentos, atas e fotos que contam a trajetória da Igreja Evangélica Fluminense. Além disso, foram ali acondicionados documentos históricos (documento que atestam que o local da Igreja era uma sesmária, documento assinado pelo imperador D. Pedro II, permitindo o culto protestante na Igreja Evangélica Fluminense), instrumentos musicais e mobiliário de fins do século XIX e início do século XX.

Esse artigo tem como primeiro objetivo apresentar os primeiros resultados sobre o que compõe o acervo e a estrutura organizacional em que o arquivo está inserido: a primeira Igreja Evangélica no Rio de Janeiro, em língua portuguesa, e em caráter permanente.

O segundo objetivo é levantar os desafios para a preservação de seu rico acervo: identificar problemas e apresentar soluções para uma conservação preventiva, que englobam as condições de armazenamento, a análise de problemas de preservação e as causas de deterioração, bem como a atualização de mídias que, com o passar dos anos, ficam obsoletas.

Posto isso, é relevante afirmar que um arquivo como o da Igreja Evangélica

Fluminense, com essa magnitude, deve ser mantido; não só por sua riqueza, mas por ser fonte de pesquisas para diversos pesquisadores, mestrandos, doutorandos e aqueles em atividade de pós-doutorado. Muitos, gentilmente, presenteiam o Centro de Memória Viva com exemplares de seus trabalhos. Não podemos deixar de mencionar os visitantes, cujo interesse é simplesmente conhecer a igreja-mãe, seu prédio e seu acervo.

Para trabalhar todo o vasto material que compõe o acervo estudado, é preciso definir teoricamente os eixos norteadores para que o trabalho possa fluir de forma correta.

A proposta da arquivista espanhola (1934/2024) Antônia Heredia Herrera diz que a Arquivologia é o estudo de um objeto tridimensional: os arquivos, os documentos e a informação; todos eles intimamente ligados. Segundo Herrera, o primeiro termo, arquivo, pode ser definido como conjuntos estruturados de documentos que oferecem informação (Heredia, 1999, p. 113).

O segundo termo citado pela autora é o documento, elemento central de qualquer acervo. Elegemos a definição do historiador francês Jacques Le Goff (Le Goff, 2013, p. 547-548):

(...) o documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Por fim, a informação: Theodore Roosevelt Schellenberg, arquivista estadunidense (1903-1970), afirmou que o acesso aos documentos e suas informações são um direito do cidadão e, por outro lado, é um dever dos

arquivos (Schellenberg, 1980, p. 14). Entendendo, então, que os arquivos devem preservar os seus acervos, cuidar dele e disponibilizar as informações ali contidas, é que começamos fazer um levantamento do acervo do Centro de Memória Viva e da Biblioteca Fernandes Braga; 80% dele já estão catalogados.

Esse acervo é bastante rico e possui material fotográfico, bibliográfico, artístico, histórico, documental, fonográfico, iconográfico e digital, além de objetos, como mobiliário e peças de uso nas atividades cúllicas, entre outros. O Centro de Memória Viva é composto por cinco salas: secretaria, sala de arquivos, sala de reuniões, biblioteca e museu. Esse acervo da Igreja Evangélica Fluminense esteve desde 1976 sob os cuidados de Esther Marques Monteiro, bibliotecária documentalista e membro da Igreja. Ela cuidou com zelo, cuidado, respeito, competência, capricho e extrema dedicação de toda a documentação. A importante documentação e livros raros foram devidamente preservados; graças a toda essa guarda, o arquivo tem condições de servir à pesquisa.

Por alguns anos, Esther Marques Monteiro recebeu o auxílio de Dilma Monteiro Prata, também bibliotecária, Ilda Marques de Andrade, médica e historiadora e Maria Elisa Lima de Souza, professora de Letras, e mestre nessa área. Elas deram sua importante contribuição no sentido de cuidado com o acervo. Nesse período, por meio da historiadora Ilda Marques de Andrade, teve início a digitalização dos documentos, atividade importantíssima para qualquer acervo/biblioteca/museu no que tange à democratização da informação.

Com o falecimento da bibliotecária Esther Marques Monteiro, em 2024, a função ocupada por ela passou para Ilda Marques de Andrade, médica e historiadora, com uma equipe composta das Professoras Maria Elisa Lima de Souza, mestre em Letras; e a Professora Cláudia Corrêa Dantas, mestre em História Antiga e Medieval, esta última com cursos na Fundação Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, no Arquivo do Estado do Rio de Janeiro/APERJ e na

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, todas ligados à organização de arquivos e à conservação e restauração de documentos.

É importante, ainda, frisar a relevância da política interna da instituição, que segue as normas eclesiais da Igreja Evangélica Fluminense, onde o Centro de Memória Viva/ Biblioteca Fernandes Braga e o Museu Esther Marques Moreira estão inseridos; os pastores que estiveram, e os que estão à frente da Igreja, sempre tiveram o compromisso de dar suporte para o funcionamento do acervo, biblioteca e museu. Contamos, atualmente, com a ajuda incomensurável dos pastores Paulo Leite e Gustavo Leite.

Vamos iniciar pelo Museu Esther Marques Monteiro. Ele recebeu esse nome para homenagear quem por tanto tempo e de forma tão zelosa cuidou de todo o acervo do Centro de Memória Viva e da Biblioteca Fernandes Braga. O museu, aberto para visitas com marcações previamente agendadas, em 2023, passou por importante reforma, pois estava em condições ruins e impedia seu pleno uso. Além da obra, o museu ganhou portas com vidro temperado, próprio e reforçado, que permitem melhor visibilidade da exposição para quem está do lado de fora. Nele são expostas peças de fins do século XIX, como uma bela prataria, que era usada há anos nos cultos; existem peças utilizadas, também no século passado, pela Escola Dominical; há, ainda, a bíblia do Reverendo Kalley.

A biblioteca, ou sala de reuniões, dispõe de um grande armário com portas de vidro. Dentro dele estão os livros; vários deles estão embalados em papel neutro, que garante sua preservação por mais tempo. Têm-se, também, bíblias em vários idiomas e em braille; há livros históricos, livros de comentários sobre os Antigo e Novo Testamentos, enciclopédias ligadas ao protestantismo, diversas edições de Salmos e Hinos, grande parte de os números de *O Cristão*, *Vida Cristã* e outros periódicos dessa e de outras denominações evangélicas, além de mobiliário e peças utilizadas nos cultos, desde o século XIX. Os livros históricos, mediante marcação de

horário, podem ser consultados por pesquisadores.

Na sala de arquivos, há uma grande quantidade de documentação: livros-caixa, atas de reunião de membros, pastores e diáconos, estatutos, diários contábeis, documentos de correspondência, boletins dominicais, documentos de cartório, documentos de outras igrejas ligadas à Igreja Evangélica Fluminense, documentação da Escola Diária, arquivo de membros ativos, falecidos e desligados da Igreja, informações sobre os Pastores que estiveram na Igreja Evangélica Fluminense, documentação das Missões Evangelizadoras no Brasil e fora dele, documentação da Escola Dominical, documentos dos departamentos da Igreja Fluminense (Juvenis, Mocidade, classes infantis, de senhoras, de homens) e documentação de eventos (dia das mães, dia dos pais, Páscoa, Natal, conferências, bazares).

Sobre a farta documentação citada no parágrafo anterior, há uma grande quantidade de fotos, que torna o acervo da Igreja Evangélica Fluminense ainda mais rico. Há fotos de fins do século XIX, muitas do século XX, e um número gigantesco de fotos do século XXI. A preservação das fotos, em sua forma física ou digital, é um desafio diário. Elas são devidamente limpas, guardadas e digitalizadas para permitir que sejam consultadas quando necessário. Existem, também, CDs, DVDs, fitas cassete, disquetes, fitas VHS que, aos poucos, serão transferidos para mídias atualizadas.

Na sala da secretaria, é guardada a documentação mais antiga: lista dos primeiros membros da Igreja (pastores, presbíteros e diáconos), pastas de famílias que frequentaram por muitos anos a Igreja Evangélica Fluminense, membros que receberam homenagens póstumas e moções honrosas, foto dos locais de culto da Igreja, biografias de missionários ligados a ela, bíblia pertencente ao Reverendo Robert Kalley e outros membros, devocionários, cartões-postais de vários países, botões para premiações na Escola Dominical, slides, estereoscópio, correspondências variadas, alguns diários do casal Kalley, e documentos com a informação de que negros (que frequentavam a Igreja) podiam transitar livremente pela cidade. Nessa sala

de guarda das obras mais antigas, há um aparelho de ar-condicionado, necessário devido ao clima da Cidade do Rio de Janeiro, geralmente com altas temperaturas durante o verão; muitas delas superiores a 40° C. Por isso, é necessária uma proteção da documentação mais frágil que precisa ser preservada de forma adequada.

As condições ambientais são muito favoráveis ao acervo; todas as salas possuem amplas janelas, fazendo dos locais ambientes arejados. Além disso, os ambientes são sempre higienizados, não acumulando sujidades e poeiras, com limpeza regular. Todos os sérios manuais de conservação alertam para os cuidados causados pelos desgastes físicos (luz, temperatura, umidade), químicos (acidez do papel, poluição atmosférica, tintas), biológicos (insetos, roedores) e ambientais (ventilação, poeiras, infiltrações).

Existe um cuidado muito grande para que todos esses fatores citados, que tanto desgastam os acervos, sejam devidamente banidos. Há também um cuidado especial para que não apareçam baratas e roedores. É mister que esses animais sejam banidos de bibliotecas e arquivos, pois são capazes de destruí-los em um curto espaço de tempo.

Além da digitalização de documentos, ainda em andamento, também são feitas pequenas e médias restaurações no próprio Centro de Memória Viva/Biblioteca Fernandes Braga da Igreja Evangélica Fluminense graças aos objetos adquiridos para este fim, que permitem o manuseio seguro da documentação; são eles: luvas, cola de CMC, papel japonês, água deionizada, pinceis, trinchas toucas, máscaras e jalecos.

Dessa forma, foi possível a restauração do tecido que cobre o púlpito usado pelo Pastor Kalley no terceiro local de culto, que se encontrava em processo de deterioração, sendo preciso um trabalho de restauração minucioso e delicado, até que ele estivesse, atualmente, em condições de ser colocado no museu para apreciação de todos.

Outra peça de tecido que necessitou de restauração é a parte superior da cortina do Centro de Conferências (auditório) do Edifício Kalley, no primeiro andar, que contém o emblema da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense. Com grandes rasgos e partes soltas, foi preciso realizar um trabalho com bastante cuidado. Ela agora também pode ser exposta no Museu Esther Marques Monteiro.

Além dos trabalhos já citados, desenvolvidos no Centro de Memória Viva/Biblioteca Fernandes Braga, são feitas restaurações de fotos antigas que estejam muito desgastadas. Modernos aplicativos permitem resultados excepcionais no que tange a essa importante parte do acervo. Dessa forma, procuramos, sempre, vencer os desafios diários da preservação desse acervo para que a memória seja conservada e respeitada.

Posto isso, vale ainda lembrar que, pela riqueza do acervo da Igreja Evangélica Fluminense, é possível abrir um leque de possibilidades para pesquisa. Alguns serão citados, mas há outras variadas possibilidades:

1. A trajetória do Casal Kalley no contexto do século XIX.
2. Para uma história da educação protestante no Brasil: a Escola Diária no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX.
3. A arquitetura nos primórdios do século XX: o conceito de Edifício Modelo.
4. Escravos e libertos professando o protestantismo no Rio de Janeiro do século XIX: a Igreja Evangélica Fluminense entre 1855 e 1888.
5. Assuntos do Cristianismo reformado nos séculos XIX e XX: o periódico *O Cristão*.
6. Música sacra nos séculos XIX e XX: os cânticos na Igreja Evangélica Fluminense.
7. A defesa dos princípios evangélicos: os desligados do rol de membros da Igreja Evangélica Fluminense nos séculos XIX e XX.
8. A importância da preservação dos acervos das Igrejas Evangélicas

para o estudo das cidades: a Igreja Evangélica Fluminense.

9. Os arquivos eclesiásticos como fonte de pesquisa genealógica: os arquivos da Igreja Evangélica Fluminense.
10. O missionarismo evangélico protestante no Rio de Janeiro no século XIX: a Igreja Evangélica Fluminense.
11. Expansão das Igrejas Evangélicas no Rio de Janeiro no século XIX e primeira metade do século XX.
12. Assistencialismo social e religião: a Igreja Evangélica Fluminense no século XIX e na primeira metade do século XX.
13. Trajetória dos evangélicos que estiveram responsáveis pela propagação do Evangelho Reformado no Rio de Janeiro, incluindo os colportores do século XIX e início do XX.
14. Sociedades de Evangelização, incluindo a “Help for Brazil” e seus evangelistas e estrangeiros.
15. Reverendo Kalley e a Ilha da Madeira: a implantação do protestantismo em área da Igreja Católica Romana.

Obviamente que essas sugestões não usarão apenas as obras da Igreja Evangélica Fluminense, mas é possível usar esse rico acervo para a elaboração desses trabalhos e outros tantos. Para finalizar, vale a citação do historiador Pierre Nora (1993, p.09):

A memória é sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentina revitalizações.

E, nesse sentido, o acervo do Centro de Memória Viva/Biblioteca Fernandes Braga é um local privilegiado de guarda e de vivências de memórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, 2022.
- BURGI e BARUKI, Sandra. **Introdução à preservação e conservação de arquivos fotográficos: técnicas, métodos e materiais**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- FORSYTH, William. **Jornada no Império**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006.
- FRAGOSO, Edo *et al.* Inovações Tecnológicas do século XIX. **Revista de Contemporâneos**, São Paulo, nov-abr 2008. Disponível em: https://www.revistacontemporaneos.com.br/n1/pdf/inovacoes_tecnologicas.pdf. Acesso em: 30 mai. 2025
- HEREDIA, Antônia Herrera. **Archivistica. Teoria y Practivca**. Sevilla: Diputación Provincial de Sevilla, 1999.
- JARDIM, Henrique de Souza (org.). **Escola Dominical: Histórico (1855-1932)**. Rio de Janeiro: Fluminense Editora, 1932.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Finarte, 1983.
- NORA, Pierre. **Entre História: problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: nº 10, 1993.
- PORTO FILHO, Manuel. **A Epopeia da Ilha da Madeira**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1987.
- ROCHA, João Gomes da. **Lembranças do Passado**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1957.
- SCELLENBERG, T. R. **Arquivos Modernos: Princípios e técnicas**. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- SPINELLI JUNIOR, Jayme. **A conservação bibliográfica de acervos documentais**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997.